



Linguística Aplicada à formação de pedagogos(as): desafios para a prática formativa estagial

Claudionor Renato da Silva (UFJ)¹
(rclaudionor@ufj.edu.br)

Resumo: Estudos da linguística aplicada (LA) na formação em Pedagogia surgem como discussões importantes e desafiadoras voltadas para o estágio na educação infantil (EI) e anos iniciais (AI). É urgente na Pedagogia a fuga pela propensão a discussões “mais” práticas do que de “fundamentos” na relação com a área de Letras, particularmente, a LA. Com base nessa argumentação, a pergunta da pesquisa é: de que forma, a LA se constitui como espaço de desafios na formação de pedagogos(as) que vão ensinar Língua Portuguesa (LP) nos Anos Iniciais (AI) e nas práticas da EI nos estágios? A metodologia dessa pesquisa é a Análise de Conteúdo a partir de fragmentos de entrevistas com estudantes pedagogos(as) em que se discute a área de Letras (LA) na formação em Pedagogia. Chegam-se aos seguintes resultados: os estudantes entendem a importância dos fundamentos (teorias linguísticas) de LP, contudo, se sentem inseguros na relação com esses estudos; indicam mais “envolvimento” e desenvoltura com os aspectos mais voltados para as metodologias já apresentadas pelos Livros Didáticos (LD), sob a linguagem da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Apontam, ademais, que muito do que vivenciam na formação em Pedagogia recai sobre análises em LD de LP, mas, com pouca ou quase nula profundidade na LA. As reflexões nessa pesquisa encaminham uma proposta de maior conteúdo em LA que promova à formação estagial uma prática efetiva.

Palavras-chave: linguística aplicada; pedagogia; estágio.

Abstract: Studies of Applied Linguistics (AL) in Pedagogy training emerge as important and challenging discussions focused on the internship in early childhood education (EC) and Initial Years (IY). It is urgent in Pedagogy to avoid the propensity for discussions “more” practical than “fundamentals” in the relationship with the area of Letters, particularly, AL. Based on this argumentation, the research question is: how does AL constitutes a space of challenges in the training of pedagogues who will teach Portuguese Language (PL) in the Initial Years (IY) and in EC practices in the stages? The methodology of this research is Content Analysis from fragments of interviews with pedagogue students in which the area of Letters (AL) is discussed in education in Pedagogy. The following results are reached: students understand the importance of the fundamentals (linguistic theories) of PL, however, they feel insecure in relation to these studies; they indicate more “involvement” and resourcefulness with the aspects more focused on the methodologies already presented by the Textbooks (TB), under the language of the BNCC (Common National Curriculum Base). They also point out that much of what they experience in their education in Pedagogy falls on analyzes in PL TB, but with little or almost no depth in AL. The reflections in this research

¹ Docente do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação.



forward a proposal for greater content in AL that promotes internship training as an effective practice.

Keywords: Applied Linguistic; Pedagogy; Internship.

Introdução

*Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito ideias claras [...]
Ferdinand de Saussure*

Linguística Aplicada (LA) traduz, diretamente, a aplicação da ciência Linguística que estuda a linguagem (fala/escrita), os fenômenos da Língua. É com Ferdinand de Saussure, no século XX, que a Linguística passa a ser uma ciência autônoma nas Ciências Humanas. Da perspectiva da aplicação, a LA está mais próxima da Linguística Descritiva que são as técnicas de métodos de “descrição” da língua, no caso desse estudo, da língua Portuguesa falada no Brasil. Mas não se descarta a Linguística Geral que são os estudos das estruturas (sistemas) da língua, de caráter epistemológico. Ambas, a Linguística Descritiva e a Linguística Geral, se tornam objeto de discussão desse texto para se tornarem bases na formação em Pedagogia, nas práticas estagiais e no interior da formação nas disciplinas voltadas ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (BACK; HECKLER, 1988 a; 1988 b; TRAVAGLIA; ARAÚJO; ALVIM, 2007; CARVALHO; BARBOSA, 2021).

Assim, se pergunta: de que forma, a LA se constitui como espaço de desafios na formação de pedagogos(as) que vão ensinar Língua Portuguesa (LP) nos Anos Iniciais (AI) e nas práticas da Educação Infantil (EI) nos estágios?

O pensamento aqui presente é a constatação de que no interior dos estudos formativos estagiais em Pedagogia (Silva, 2020) e disciplinas voltadas à alfabetização, também nesse curso, há quase uma ausência da LA no currículo. Frade et al (2010), Travaglia (2004) e Britto (2007) faz esse movimento reflexivo procurando aproximar Letras e Pedagogia, Pedagogia e Letras propondo para ambas as áreas o desafio da LA que aparece, muitas vezes, nas entrelinhas, em outras, poucas vezes, explicitamente.

O objetivo, mais amplo, dessa pesquisa é apresentar uma discussão não muito presente na formação em Pedagogia, qual seja, pensar as práticas estagiais no



ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e práticas de leitura e escrita na Educação Infantil sob uma sólida base na Linguística Aplicada.

Como justificativa se apontam os estudos da LA na e para a formação em Pedagogia; a LA emerge como discussão importante e desafiadora voltada para o estágio na educação infantil (EI) e anos iniciais (AI). É urgente na Pedagogia a fuga pela propensão a discussões “mais” práticas do que de “fundamentos” na relação com a área de Letras, particularmente, a LA, sobretudo, a propensa característica da psicologização piagetiana nos processos de alfabetização/letramento.

Quanto a metodologia, apresentada com detalhes na seção “A Pesquisa”, adianta-se que a coleta de dados se formalizou com a resposta ao Questionário online (*google* Sala de Aula) enviado com participação voluntária, num curso de Pedagogia do centro-oeste brasileiro. Os questionários receberam o tratamento da Análise do Conteúdo (Bardin, 1977).

Na próxima seção se fará um breve referencial teórico da LA e algumas aproximações à formação de pedagogos(as) – destaque ao Estágio e às disciplinas específicas referentes à alfabetização - no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Linguística aplicada: rápidas inserções

Linguística Aplicada se pode ser considerada como o campo da Linguística que está próximo da realidade da sala de aula, na prática do ensino-aprendizagem da Língua Materna e que para o pedagogo envolve um conhecimento importante para a construção de sua concepção (ões) de oralidade, escrita e leitura, tanto para o trabalho estagial (Silva, 2020) quanto para a prática futura de professor polivalente.

Amparam a conceituação e metodologia da LA para essa pesquisa Mattoso Câmara Júnior (1941); Orlandi (1986); Lopes (1995); Lopes (1996), Mussalim; Bentes (2001); Saussure (2006); Paveau; Sarfati (2006); Carvalho (2013); Tomazoni (2016), Novodvorski; Rosa; Chagas (2016) e Carvalho; Barbosa (2021).

O Quadro 1 procura sintetizar a distribuição, pelo menos, inicial, do que se pode constituir como teorias linguísticas para a formação de pedagogos(as), a partir de Saussure



(2006) e avançando para o desenvolvimento da ciência linguística ao redor do mundo, pós-Saussure, conforme aponta, especialmente, Carvalho; Barbosa (2021).

QUADRO 1 – Síntese das Teorias Linguísticas

Teoria Linguística	Enfoque	Referenciais
Estruturalismo	As propostas do “pai” da Linguística apresentadas ao público após sua morte; a obra é resultado de esforços de dois dos seus alunos frequentadores do curso de Saussure, entre 1906 e 1911, na Universidade de Genebra. A obra é o ponto de partida para todas as teorias linguísticas que vieram a seguir.	Ferdinand de Saussure (1857-1913) Leonard Bloomfield (1887-1949)
Gerativismo	A não limitação da palavra e da estrutura, logo, linguagem é muito mais que um sistema de comunicação. O gerativismo surge nos anos 1950 com a conhecida “revolução cognitiva”.	Avram Noam Chomsky
Funcionalismo	Pesquisas e proposições que falam do uso, da mudança (variações) da língua, ligadas à cultura.	Vilém Mathesius (1882-1945) Dwight Bolinger (1907-1992)
Pragmática	O modo de uso da linguagem, como intercâmbios comunicativos; fundamentações de pensamento filosófico.	Charles Sanders Peirce (1839-1914) Charles William Morris (1901-1979) John Dewey (1859-1952) Rudolf Carnap (1891-1970) John L. Austin (1911-1960)



Análise do Discurso	Fundada, na verdade, por Jean Dubois e Michel Pêcheux. Há uma tradição francesa que inclui, Michel Foucault: a construção de discursos que constroem e desconstroem sujeitos.	Michel Foucault (1926-1984) Michel Pêcheux (1938-1983) No Brasil: Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi.
---------------------	---	--

Fonte: elaborado na pesquisa com base em Carvalho; Barbosa (2021).

Dessas teorias e referenciais principais é que para a Pedagogia se oferece um ponto de partida de reflexões teóricas e metodológicas e para o encaminhamento sobre o ensino de Língua Portuguesa, para o caso do Brasil e nesse movimento, ser inserido todo o referencial da LA, vale iniciar pela história desse ensino nas escolas, já que se está a tratar a Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e das práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, processos de alfabetização e letramento.

Segundo Sperança-Crisculo (2014) após o século XIX o ensino de língua materna deixou de ser baseado na tradição da gramática. No Brasil, particularmente, quando a elite deixa de ser a única ocupante dos bancos escolares públicos, com lenta, mas abrupta presença popular, a norma culta padrão entra em choque com uma realidade a qual a escola não estava pronta. Ainda que demorou para que nas décadas de 1970 e 1980 se revolucionasse o ensino de Língua Portuguesa com novos e potentes estudos das ciências da Sociolinguística, Pragmática, Variação Linguística, etc.

Sai-se do modelo tradicional gramatical para o sentido e a interpretação da Língua e os extintos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) contribuíram muito para isso, com a inserção nos Livros Didáticos de diversos gêneros literários, etc. Isso levou a uma mudança na formação de professores(as), tanto de Letras, quanto de Pedagogia, como bem apontou Frade et al. (2010).

Autores como Cagliari (1992); Souza, 1994; Bortoni-Ricardo (2004), Travaglia; Araújo; Alvim (2007); Rojo; Batista (2003); Frade et al. (2010); Gonçalves; Buin e Conceição (2016); Silva (2020) são apenas alguns, dentre vários, que nos ajudam nessas



considerações sobre a formação do pedagogo no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e os desafios aí presentes.

Para a seção seguinte se apresentam os Resultados e Discussão, iniciando com uma breve consideração sobre a metodologia aplicada na pesquisa.

A pesquisa

Antes de apresentar os resultados e discutir criticamente os dados, se apresenta a Metodologia de obtenção dos dados e sua análise, começando pela fase 1, da metodologia, a fase da Pré-Análise, segundo Bardin (1977) e contribuições de Silva (2012).

Inicialmente, se buscou obter respostas por meio de um Questionário Aberto (Chizzotti, 2005; Lakatos; Marconi, 2007), o *corpus de análise* da pesquisa (Bardin, 1977), resultante de atividades de aula, na disciplina de Fundamentos e Metodologias de Língua Portuguesa, num curso de Pedagogia de uma universidade pública do centro-oeste brasileiro e estudantes de Estágio na Educação Infantil e Anos Iniciais. Foram atividades consentidas para fins de pesquisa e feedback avaliativo, porém, de participação voluntária (não obrigatória). Isso se deu no ano de 2020, em plena pandemia da COVID-19, num contexto de aulas remotas.

O principal indicador para a construção do questionário aberto – corpus de análise – vem do referencial teórico que tem como vetor a Linguística Aplicada na formação em Pedagogia. Um segundo indicador para o enfoque da problemática é a formação de pedagogos(as) no estágio e nas práticas de aprendizagens de disciplinas que envolvem os Fundamentos e as Metodologias em Língua Portuguesa, Alfabetização e Letramento, etc.

Todas as respostas aos questionários foram lidas (leitura flutuante) e mantidas a sua forma de escrita para as fases 2, da exploração do material e fase 3 tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Os critérios exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 1977) foram atingidos/cumpridos. Em especial, na representatividade, mesmo que nem todos os atingidos pelo tema respondessem à atividade para fins de pesquisa. Ainda, assim, os



propósitos da pesquisa não foram comprometidos, reiterando que, segundo a metodologia, todos os participantes estão consentidos(as) na sua participação voluntária.

A fase de exploração do material (Bardin, 1977; Silva, 2012) – Fase 2 da metodologia - se apresenta, a seguir, com a organização das categorias, as subcategorias e com a indicação das unidades de registro, considerando as categorias como agrupamentos e como estruturas de análise organizadas.

O segundo elemento, a: subcategoria é “[...] de ordem hierarquicamente inferior aos da categoria e que deverão concorrer para caracterização da mesma, numa visão de pertencimento, sem, no entanto, se diferenciarem da categoria maior (SILVA, 2012, p.183)”.

Por último, a unidade de registro “que é o segmento mínimo de conteúdo que se considera necessário para poder proceder à análise, colocando-o numa dada categoria (SILVA, 2012, p.177)”.

A Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), portanto, nasce de fragmentos de texto. Nessa pesquisa, a resposta ao questionário aberto sobre a prática de ensino em Língua Portuguesa, numa perspectiva estagial e de formação nas disciplinas voltadas à temática formam o *corpus* de análise.

O Quadro 2 apresenta a segunda fase da metodologia de Bardin (1977) – são fragmentos em recorte de um corpus de análise mais amplo que cumprem o objetivo da pesquisa.

QUADRO 2 – Categorias e subcategorias na fase Exploração do Material

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO
Linguística como ensino das letras; suas teorias	Ensino linguístico	<i>“[...] O ensinar nos anos iniciais da Língua Portuguesa de início e levar as crianças a ter contato com as letras, com o alfabeto, conhecer as letras do seu próprio nome, a descoberta dos sons que são emitidos pelas letras”. (PARTICIPANTE 1)</i>
Linguística como “habilidades” a serem desenvolvidas nos processos de ensino	“Didática da Linguística”: a atenção ao erro.	<i>“[...] Como professores devemos facilitar a aprendizagem do nosso aluno, está mostrando os erros cometidos, pedir que apague a tarefa e comece tudo de novo quantas vezes for preciso até que esteja correta. A persistência deve se manter para que</i>



		<p><i>os alunos entendam o erro e consiga aprender, realmente é chato mais algo necessário para desenvolver habilidades linguísticas.” (Participante 1)</i></p> <p><i>“A ligação de didática e fundamentos e metodologias de Língua Portuguesa II que eu faço é a interação que o professor tem que ter com o aluno, acompanhar de perto a evolução da leitura e da escrita, além de ensinar os conteúdos, pode ensinar o valor que a língua tem demonstrando o valor que tem para si”. (PARTICIPANTE 3)</i></p>
Linguagem como expressão da língua portuguesa; ensin na escola e falada pelas crianças e professores.	A língua e a linguagem na sala de aula	<p><i>“[...] que consiga resolver conflitos para que entrem em um diálogo, a linguagem e utilizada para defender o nosso ponto de vista respeitando o outro, na sala de aula o aluno consiga expressar a sua posição sobre determinado assunto para isso o domínio da linguagem e necessário para convencer ou de apresentar suas próprias ideias.” (PARTICIPANTE 1)</i></p>
Preconceito e variação linguística	Desenvolvimento da língua padrão	<p><i>“[...] Focar o ensino linguístico exclusivamente na gramática normativa sem a reflexão ou o conhecimento das demais variedades linguísticas brasileiras. Os meios de comunicação marginalizam os falantes do Português não- padrão e que são tachados como pessoas que não sabem falar português correto. A discriminação acontece por meio socioeconômico, regional, cultural um exemplo o significado das palavras africanas como “macumba” e usada de maneira errada, a homofobia é comum que gírias e expressões sejam rotulada como própria da comunidade LGBT e, conseqüentemente repudiadas por aqueles que possuem aversão a esse grupo social”. (PARTICIPANTE 3)</i></p>
Ensino de Língua Portuguesa não como uma “prisão” ao Livro	Livro Didático e as novas tecnologias	<p><i>“Acredito que o livro didático seja a base para o professor mostrando os conteúdos que devem ser trabalhados no decorrer do ano, mas não se deve</i></p>



Didático; <i>link</i> às novas tecnologias.		<i>ficar preso apenas no livro apenas no livro, há vários recursos matérias para se trabalhar tanto dentro ou fora da sala de aula muitas delas são lúdicas, criativas e atraente como uso da tecnologia por exemplo.” (PARTICIPANTE 2)</i>
---	--	---

Fonte: elaborado na pesquisa.

Antes de avançar para a terceira fase da metodologia que é o “Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação” (TRII) faz-se necessário explicitar brevemente cada categoria e subcategoria, no diálogo com o referencial teórico, como parte integrante da fase 2 “Exploração do Material”.

Na categoria Linguística como ensino e a subcategoria Linguística como habilidades fica evidente a intrínseca necessidade da LA nos componentes curriculares da formação, ainda que uma colocação rápida, mas que, de fato, faz sentido por não estar presente nos currículos dos cursos de Pedagogia, particularmente, os Fundamentos e Metodologias de Língua Portuguesa e Projetos de Trabalho em Estágios. A Linguística emerge como prioritária teoricidade na formação em Pedagogia, contudo, tão distante da realidade desses currículos e dessas práticas. Nesse sentido tanto a categoria quanto a subcategoria indica caminhos sobre os quais a problemática da pesquisa foi construída. Ambas, devem ser ainda mais exploradas na continuidade da pesquisa que levam diretamente às reflexões sobre teorias e metodologias em LA e que sejam/estejam voltadas à alfabetização/letramento, seja para leitura e escrita, envolvendo literatura, ensino de compreensão e interpretação de textos, etc.. As teorias linguísticas e a LA como mote referencial. (BRITTO, 2003 a, 2007 ; TRAVAGLIA, 2004; TRAVAGLIA; ARAÚJO; ALVIM, 2007; CARVALHO; BARBOSA, 2021).

Na Linguística como “habilidades” estar atento à Didática do Ensino de Língua Materna, no caso, o Português indicou na pesquisa uma direta relação à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), bem como, às práticas estagiais (Silva, 2020), em que, geralmente, os estudantes são encaminhados para estudos e aplicação de projetos em Língua Portuguesa, principalmente nos Anos Iniciais e, alguns estudos de aplicação de literatura infantil com bebês e crianças.



Falar da didática da língua portuguesa é uma das frentes mais importantes e que a LA traz muitas contribuições para o desenvolvimento dessas “habilidades” – linguagem da atual BNCC – e para isso, contribuições, como aponta, por exemplo, Lopes (1996 b).

A terceira categoria “Linguagem” e nela, a subcategoria “Língua” conduz a pesquisa novamente para as teorias linguísticas apontadas inicialmente, na primeira categoria (Linguística como ensino e metodologia). Nesse apontamento é que fica mais evidente do que se poderia supor do quanto os pedagogos(as) em formação e em práticas de estágio percebem a relevância – embora, não citem diretamente – da Linguística, das teorias, da LA, em si o que certamente “provoca” o pesquisador a prosseguir no “encantamento” freireano para além do “som” destes ecos intelectuais que deverão ser traduzidos em estudos aprofundados no currículo de formação de pedagogos(as) que vão atuar na Educação Infantil e Anos Iniciais. (CAGLIARI, 1992; BRITTO, 2007).

Linguagem e Língua são os instrumentos fundamentais da Linguística e suas principais teorias, contudo pouco refletidas no plano de ensino, por exemplo, de Fundamentos e Metodologias de Língua Portuguesa, de grande parte dos cursos de Pedagogia brasileiros.

É das discussões sobre Linguagem e Língua que surgiu a categoria “Preconceito e variação linguística”, seguida da subcategoria “desenvolvimento da língua padrão” e toda a discussão cultural sobre as hierarquizações da Língua Portuguesa “amarradas” a preconceitos étnicos e geográficos brasileiros, bem como, a difícil tarefa de alfabetizar/letrar, tendo a compreensão de que não se escreve como se fala, ou seja, há uma estrutura da língua escrita, em Português, que não pode ser representada como se fala. Contribuições de Bortoni-Ricardo (2004) são fundamentais nessa discussão.

Na última categoria “salta” o tema do Livro Didático. A proposta é que deixe de ser uma “prisão” a professores(as) e estudantes infantis. O tema do LD é polêmico, problemático e, para os cursos de formação de professores em Pedagogia, geralmente, são os únicos recursos de processos de geração de habilidades de que se dispõe, da mesma forma que se dispõe aos professores(as) das salas de aula em especial, dos Anos Iniciais, atualmente, sob formatos na BNCC. Mesmo que a defesa seja de “desprendimento” do LD nas práticas de ensino de Língua Materna, o Português, foi também perceptível que se assume a confiança e



segurança no LD, como se demonstrará na próxima fase da metodologia bardiniana, a fase 3: há mais segurança no LD do que atuar com ele com criticidade e usos de outros recursos menos caracteristicamente “clássicos”, acríticos e de repetições. (BRITTO, 2003 a; ROJO; BATISTA, 2003).

Se passa, agora, para a fase 3 da metodologia que trata, agora, das inferências e do “escondido”, revelado nas Unidades de Registro.

O Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação (TRII) tem como proposta, na metodologia de Bardin (1977) encontrar o que está silencioso, escondido. Os textos sobre a metodologia da Análise do Conteúdo que “adaptam” Bardin ou “melhoram” sua aplicação – Silva (2012) e outros(as) - chamam isso de “manifestos” ou “conteúdos” latentes e, em seguida, apresentam os “significados implícitos”.

Da primeira categoria, há uma inferência e interpretação que é central na resposta à problemática da pesquisa, qual seja o destaque às obras e autores fundamentais nos estudos da linguística, sobretudo, Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, dentre outros(as). (PAVEAU, SARFATI, 2006; CARVALHO, 2013; CONCEIÇÃO, BUIN, CONCEIÇÃO, 2016).

Pensar também, nessa categoria, a Linguística como “habilidades” tem uma inferência direta para a proposta da Didática em Língua Portuguesa e que traz contribuições muito específicas e especiais à formação em Estágio, de estudantes no curso de Pedagogia e as disciplinas circundantes (Fundamentos, Alfabetização/Letramento, etc.).

Na categoria “Linguagem” a interpretação mais evidente que atende a problemática é que mesmo sem os conteúdos das teorias linguísticas e, sem ao menos, terem sido citadas a história da Linguística ou da LA, pedagogos(as) em formação compreendem as ferramentas-chave dos estudos voltados ao ensino da Língua Materna. (SOUZA, 1994; CARVALHO; BARBOSA, 2021).

Acredita-se que essa percepção é um pós-indicador que acompanha o indicador da fase 1, da metodologia, classificado como “a Linguística Aplicada na formação em Pedagogia” que emerge e se constitui a partir do *corpus* de análise ou seja do questionário aberto aplicado.



A exploração desse pós-indicador será fundamental para a constituição de argumentos favoráveis a se pensar e se considerar, no contexto desse curso dos participantes da pesquisa – o curso de Pedagogia - e, quem sabe, em outros cursos de Pedagogia brasileiros de que a LA será de grande contributo à formação.

Algumas questões podem ser pensadas sobre o que está implícito e qual ou quais o significado da categoria “Preconceito e variação linguística”. Deixar-se-á indicado apenas uma questão, qual seja: a necessidade de estudos aprofundados sobre essa teoria e suas aplicações pela LA. Algumas saídas são os referenciais em Bojo; Batista (2003).

Há um significado implícito e também certo sentimento de “angústia” ao se tratar do Ensino de Língua Portuguesa e o Livro Didático. Algo que se extrai das entrelinhas das Unidades de Registro: o LD deve continuar no debate da formação de professores tanto nas Letras quanto na Pedagogia e toda discussão didática aí envolvente, sobretudo pela atual BNCC, mas de uma forma mais positiva, como se defende nessa pesquisa, sem as críticas tão severas que não apontam soluções mais efetivas para o que podemos chamar de uma “didática” da Língua Portuguesa. (ROJO; BATISTA, 2003; BRITTO, 2003 a; FRADE et al. 2010;

Finalmente, é preciso considerar as vantagens e apoios que a metodologia bardiniana oferece em pesquisas como essa, mesmo com baixa colaboração de participantes. Uma dessas vantagens é a evidência de que, nestas categorias há um entrelaçamento temático, teórico, metodológico e, sobretudo, marcas da prática e que permitem, ademais, não se perder de vista o referencial teórico e, em maior amplitude, sem perder de vista a problemática da pesquisa.

Unindo os conteúdos latentes e os significados implícitos, de modo mais amplo, tem-se que, foi possível identificar:

Os estudantes entendem a importância dos fundamentos (teorias linguísticas) de LP, contudo, se sentem inseguros na relação com esses estudos; indicam mais “envolvimento” e desenvoltura com os aspectos mais voltados para as metodologias já apresentadas pelos Livros Didáticos (LD), sob a linguagem da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Apontam, que muito do que vivenciam na formação em Pedagogia recai sobre análises em LD de LP, mas, com pouca ou quase nula profundidade na LA. As reflexões



nessa pesquisa encaminham uma proposta de maior conteúdo em LA que promova à formação estagial uma prática efetiva.

Desses dois aspectos, bem mais sintéticos, emergentes dos “manifestos implícitos” e dos “significados” escondidos é que se traz, na próxima seção, a conclusão do presente estudo.

Conclusão

Pelo que se desenvolveu até aqui é possível a defesa de que a forma pela qual a LA se constitui como espaço de desafios à formação de pedagogos em Estágio, ao lado das disciplinas formativas ligadas ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa se apresenta como algo perceptível, aceitável, porém, ausente e que o sentimento dessa ausência se manifesta em diferentes direções, por exemplo: o entendimento de que a Língua Portuguesa é ensino e habilidades (pensamento didático) que se devem pautar pelas teorias linguísticas, sobretudo, para o que a formação de professores(as), em cursos de Pedagogia se direciona, às crianças, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais.

Outra forma em que a LA se torna aplicável ao currículo da formação de pedagogo(as), revelada na pesquisa, são reflexões voltadas às linguagens – ainda que não voltadas às linguagens diversas, mas, tão somente, à língua falada, a escrita e a leitura – as variações linguísticas e o trato com a avaliação em Língua Portuguesa, o que inclui o debate sobre o Livro Didático e no caso da Educação Infantil, as Apostilas e as práticas, atualmente, preparadas sob a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Essas “formas” dão o “toque” dos desafios postos aos cursos de Pedagogia, seja nas disciplinas de Estágio, seja nas disciplinas que possuem como enfoque a Língua Portuguesa:

A presença da LA nos currículos de formação de professores(as) nos cursos de Pedagogia, tanto na disciplina de Fundamentos e Metodologias, quanto nos Estágios, como uma das frentes principais; ênfase da LA nas disciplinas de Alfabetização e Letramento (geralmente, ausentes). Há muitas outras aproximações entre as proposições dos estudantes e a ciência da linguística para o ensino em cursos de Pedagogia; contribuições irrecusáveis da área de Letras; o construto histórico do ensino de Língua Portuguesa no Brasil emerge como



um grande desafios à formação de pedagogos(as) no curso e, em especial, no Estágio, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais.

Uma interconexão mais ampla e profunda entre a área de Letras e a Pedagogia, afastando-se da “ênfase” da psicologização piagetiana e das “didáticas” da sequenciação, das regras, do passo a passo “cego” ao Livro Didático; uso das NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), bem como, o desafio de uma aprendizagem em contexto, da Língua Materna, no caso, o Português.

Desafios que estejam envoltos à nova linguagem da BNCC e sua implementação adiada pelo contexto da pandemia da COVID-19, em 2020. Os currículos de formação de pedagogo(as) devem estar atrelados ao desafio do ensino da língua materna, levando em consideração as teorias linguísticas, desde Saussure (2006).

Finaliza-se o texto respondendo à Saussure, a partir da citação que abre esse trabalho, afirmando que há muita utilidade na Linguística, sobretudo, para os professores(as) em cursos de formação de pedagogo(as), estagiários(as) e participantes das disciplinas de Língua Portuguesa. E, complementa-se, que, aqui, na Pedagogia, no Estágio e nas disciplinas envoltas ao ensino da Língua Materna, há esta preocupação em obter e vivenciar “ideias” explícitas, fortes, potentes para pensar sobre essa utilidade, a utilidade da Linguística Aplicada na formação de pedagogos(as).

Desta forma, a aproximação das áreas de Letras e Pedagogia, e o inverso, da Pedagogia para as Letras são indispensáveis e, sobretudo, são desafiadoras aos currículos de formação em Pedagogia e o ensino de Língua Materna, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais.

Referências

BACK, Sebald.; HECKLER, Evaldo. **Curso de Linguística Volume 1**. São Leopoldo: Unisinos, 1988 a.

BACK, Sebald.; HECKLER, Evaldo. **Curso de Linguística Volume 2**. São Leopoldo: Unisinos, 1988 b.



BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Livro didático e autonomia docente. **Scripta** (PUCMG), Belo Horizonte, v. 6, n.11, p. 162-170, 2003 a.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sociedad de cultura escrita, alfabetismo y participación. **Capítulo Aparte**, Quito, v. 2, n.3-4, p. 147-166, 2003 b.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento **Calidoscópico**, v. 5, n. 1, p. 24-30, jan/abr 2007.

CARVALHO, Castelar de. **Para Compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. 20. ed. Rio de Janeiro, Vozes: 2013.

CARVALHO, Cid Ivan da Costa.; BARBOSA, José Roberto Alves. (orgs.). Mossoró: EdUFERSA, 2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 1992.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CONCEIÇÃO, Adair Vieira.; BUIN, Edilaine.; CONCEIÇÃO, Tute Izabel Simões. **Ensino de Língua Portuguesa para a contemporaneidade**: escrita, leitura e formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva et. al. **Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente**. (Coleção Didática e Prática de Ensino - Livro 1). Belo Horizonte: ENDIPE/Autêntica, 2010. Parte IV, p. 465-491; 492-508. Disponível em: <http://endipe.fae.ufmg.br/livros/Livro_1.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**, 14a edição, São Paulo, 1995.

LOPES, Luis Paulo da Moita. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.



MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução de M. R. Gregolin et. Al. São Paulo: Claraluz, 2006.

MATTOSO CÂMARA Júnior., Joaquim. **Princípios de Linguística Geral como Fundamento para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1941.

NOVODVORSKI, Ariel.; ROSA, Gisele.; CHAGAS, Lucas. (orgs.). **Ensaio em teorias linguísticas**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs.). **Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

SILVA, Claudionor Renato. **Estágio: epistemologia e conversas de sala de aula/orientação**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

SILVA, Ângela Carrancho da. Entrevista. In: ELLIOT, Ligia Gomes. (Org.). **Instrumentos de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**. Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 11.^a ed. São Paulo: Papirus, 1994.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. Breve histórico dos estudos linguísticos e sua influência no ensino da língua. In: SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. **Funcionalismo e cognitismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 17-27. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/sxg7f> Acesso em 18 out. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Cultrix, 2006.

TOMAZONI, Eloara. **O ato de escrever em encontros na escola**. 2016. 389f. (Tese de doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Linguística aplicada ao ensino de língua materna. Uma entrevista com Luiz Carlos Travaglia. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 2, n.2, março de 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos.; ARAÚJO, Maria Helena Santos.; ALVIM, Maria Teonila de Faria. **Metodologia e prática de Ensino da Língua Portuguesa**. 4.^a ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.